Condy Raguet e a Maçonaria (*)

Zélia Sá V. Camurça (**)

Condy Raguet (1784-1842) era um filadelfiano de descendência francesa — comerciante, banqueiro, economista, político, coronel, representante do Governo, diplomata, escritor e editor e líder religioso. Na qualidade de diplomata ele foi cônsul dos EE.UU. no Rio de Janeiro, e em seguida, o primeiro Chargé d'Affaires dos Estados Unidos no Brasil independente, isso de 1822 a 1827.

Para que alguém possa aplicar a Condy Raguet o adágio "Uma vez maçom, sempre maçom", ainda se faz necessário muita pesquisa. Numa tentativa de avaliar a filiação de Condy Raguet à Maçonaria, o biógrafo pode apenas especular acer-

---

(*) Este trabalho se constitui uma tradução pessoal de parte da dissertação de doutorado da autora, sobre *Condy Raguet, sua vida, sua obra, sua educação*. O que se apresenta agora é apenas uma secção de um capítulo, mais precisamente, o 5.º.

Na tradução da citação de Anthony F. C. Wallace, a autora agradece as críticas e correções feitas pelo Prof. Ignácio Ribeiro Pessôa Montenegro, lingüista e especialista em Inglês, Professor de Lingüística da Universidade Federal do Ceará.

Com relação às partes referentes à Maçonaria no Brasil, esta secção recebeu a ajuda e a crítica do Dr. Manuel Lima Soares, Professor de Sociologia da Universidade Federal do Ceará e da Universidade Estadual do Ceará, membro atuante do Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará, também um maçom.

(**) Professor Titular, Sociologia da Educação e Antropologia da Educação, Universidade Federal do Ceará e Professora do Ensino Superior, Antropologia Cultural, Universidade Estadual do Ceará. Membro do Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará e da Comissão de Antropologia.

ca do assunto com base numa escassa documentação. E, apesar disso, é o que nos propomos fazer.

A escassez de documentos com relação à Maçonaria não deve se constituir surpresa, já que é por demais comentado o sigilo a envolver este sistema de pensamento e esta "sociedade de homens livres." Aqueles que são iniciados nos ritos, cerimônias, símbolos, deveres e privilégios da Franco-Maçonaria juram não revelar as circunstâncias sob as quais ocorre a sua participação ativa vivencial. Além do que, muita documentação já foi destruída propositadamente no passado, por medo das perseguições sociais, políticas e religiosas.

Os membros das Gran-Lojas da Maçonaria norte-americana já foram vitimados por perseguições e longos períodos de rivalidade, e até mesmo acedidos de períodos de curta exaltação, em função sobretudo das suas atividades e de serviços prestados. Um exemplo de um movimento antimaçônico é aquele que aconteceu nos EE.UU. durante os anos de 1820 a 1840. A análise de A.F.C. Wallace tenta explicar os efeitos, conseqüências, e eficácia desse movimento antimaçônico nos EE.UU. do século XIX:

> "Ideologicamente, a antimaçonaria política nos EE.UU. na década de 1828-1838 deve ser interpretada como um aspecto da cruzada evangélica protestante contra a infidelidade doutrinária. Esse estado de coisas distinguiu a instituição da Maçonaria como um símbolo de odiosa tradição do Iluminismo, tomando a si o papel de salvadora da República face a uma conspiração de caráter internacional." (Wallace, A.F.C., 1978: 346)

Por outro lado, como um exemplo bem adequado de exaltação da Franco-Maçonaria francesa no Brasil, pode ser lembrado o período do Império, quando o "Grande Oriente do Brasil" e o compósito de três lojas maçônicas então existentes no Rio de Janeiro — a sede da corte imperial — provocou a independência do Brasil-Colônia de Portugal e incentivou ideais republicanos.

O movimento das lojas criou um ambiente propício à independência do Brasil. Isso aconteceu no preciso momento em que Condy Raguet chegou ao Brasil e aqui permaneceu cinco anos: como Cônsul, em seguida como Chargé d'Affaires dos EE.UU. no Brasil.

O biógrafo de Condy Raguet pode apenas especular sobre a sua afiliação à loja nº 51 de Filadélfia. Pode apenas especular acerca dessa afiliação em tentando analisar um único trabalho escrito deixado por Condy Raguet sobre o assunto. Na qualidade de 'junior ward' iniciante daquela Loja, Condy Raguet foi certa vez solicitado pelo Gran-Mestre da Loja para pronunciar uma oração fúnebre. Esta oração ocorreu aos 26 de maio de 1812, diante de membros de várias lojas da Pensilvânia, incluindo a de nº 51. A oração fora preparada para reverenciar a memória de William S. Bush, tenente da Marinha norte-americana que falecera a bordo da fragata "Constituição", durante a guerra de 1812. A indicação era apropriada, já que Condy Raguet participara ativamente dessa guerra, primeiro como tenente-coronel, depois como Coronel.

Esta obra literária então proferida é hoje, talvez, o mais poético de todos os escritos deixados por Condy Raguet. Em fazendo prosa, ele perfez poesia. Em dominando ambas as habilidades literárias, Coudy Raguet expôs a sua "visão de mundo" aos seus pares, e para os pósteros.

No que tange à visão de mundo ou cosmovisão de Condy Raguet, pode-se aquilatar a sua crença em Deus e na imortalidade. É bem nítido o seu apreço ao civismo, a sua dedicação para com o cumprimento dos deveres de cidadão, e o seu insistente empenho para com os deveres da caridade e da benevolência. Todas essas idéias e direcionamentos da sua cosmovisão podem ser correlacionados positivamente com os princípios aderentes à Maçonaria, esta entendida como "uma organização universal de carater religioso, moral, caritativo e benevolente." (Pound, R., 1921: 174).

Como um maçom especulativo que era, Condy Raguet enalteceu a moralidade, a igualdade, a integridade e a honradez de vida e de ações. Na sua oração fúnebre, ele já chamara atenção para as situações e aspectos distintos da sua época. Ele dizia:

> "O elogio ao morto, nos dias de hoje, perdeu o seu valor. Confunde-se mérito com desvalia e indignidade, a honra com vergonha e desonra. Louvor e exaltação são hoje indiscriminadamente prodigalizados ao cidadão virtuoso e ao amoral: louva-se e exalta-se, glorifica-se e enaltece-se tanto o cidadão honrado quanto ao amoral. O tributo de respeito não é mais interpretado como uma expres-

são de pesar público e de sentimento de perda. É ditado antes pelo calor do apego pessoal mais do que por um julgamento que reflita as leis da verdade sem mácula, e visando a representar o que o homem deveria ser, e não o que realmente ele foi." (Raguet, C., 1812: 3-4)

Nessa mesma oportunidade, e falando da indicação de William Bush como tenente do corpo da Marinha, e de suas maneiras ao tratar seus subordinados, Condy Raguet comentou as relações sociais estabelecidas pela hierarquia dentro da Armada:

> "É (disse ele) em situações como estas de superioridade e de comando, quando a relação de superioridade deva se fazer valer, ser reconhecida e reforçada, que o sentimento generoso da maçonaria se exprime da maneira a mais virtuosa. A urbanidade de maneiras para com um igual é indispensável ao bem-estar social. O comportamento respeitoso para com um superior é uma obrigação. Mas o procedimento condescendente para com inferiores é um dever grato e prazenteiro que vem a refletir mais ombridade às almas nobres que o praticam do que ao possuidor de títulos e honrarias incontáveis." (Raguet, C., 1812: 7)

Condy Raguet também expressa a sua visão de mundo com relação à disciplina militar. Ele deve ter seguido, ao pé da letra, os julgamentos que emitiu, quando em serviço militar nos campos e acampamentos militares de Wilmington e Brandywine na Pensilvânia e no Delaware durante a guerra de 1812:

> "Insubordinação ou irregularidade de conduta são considerados subversivos ao sistema militar, e permitir sua existência seria destruir os interesses do serviço público... disciplina, longe de ser incompatível com o exercício da humanidade, é o único meio de alcançar aquela harmonia e ordem que distingue uma organização militar de uma turba violenta." (Raguet, C., 1812: 8)

Mais que isso, a oração fúnebre de Condy Raguet revela o respeito pelos laços familiares, e pelos elos maçônicos — "nós, seus irmãos do elo místico" — ... A família de William Bush foi especialmente elogiada e rememorada como uma geração de servos da nação.

Em concluindo a sua oração fúnebre em memória de Bush, Condy Raguet disse: "Que a Gran-Loja lá do alto, que não é feita com as mãos dos homens e sim eterna nos seus desígnios, seja o assento de sua eterna morada." (Raguet, C. 1812: 16)

Para todos os efeitos, Condy Raguet foi bem sucedido na sua oração fúnebre,, tanto que a mesma foi depois publicada a pedido dos irmãos. (Raguet, C., 1812) Um dos seus colegas maçons era o seu dileto amigo de infância William Schlatter. Schlatter tornou-se membro da Loja nº 51 a 24 de janeiro de 1811. (Anônimo, doc. datilografado. Bryn Athyn, Academy of the New Church Library Archives). Não seria então surpresa se se chegar a provar que Condy Raguet, ele também tenha sido indicado nos ritos maçônicos naquele mesmo dia e cerimônia.

É difícil determinar se Condy Raguet permaneceu ligado à Maçonaria até o resto dos seus dias. De qualquer modo, uma coisa é certa: seus sentimentos maçônicos não se conflituavam com a sua ligação religiosa aos ritos Swedenborgianos — Emanuel Swedenborg fundou um rito entre os vários outros hoje em existência dentro da maçonaria no mundo (Figueiredo, J.G., s/data: 409, 492). Nesta religião fundada por Swedenborg, a Nova Jerusalém, Condy Raguet morreu em março, de 1842, aos 58 anos de idade.

Se o movimento antimaçônico nos EE.UU. houvera dificultado ou frustrado qualquer comportamento mais ostensivo ao longo de sua vida, Condy Raguet teve uma oportunidade única de expor abertamente a sua admiração a dois grandes maçons do Império brasileiro: José Bonifácio de Andrada e Silva e Joaquim Gonçalves Lêdo. A ambos, ele endereçou cartas de conveniência, mas enaltecedoras, quando esteve no Brasil na qualidade de cônsul e de embaixador. Mas ainda: foi através dos esforços de Condy Raguet que pelo menos um daqueles dois personagens do Império veio a se afiliar à Sociedade Americana de Filosofia, fundada por Benjamin Franklin em Filadélfia. E mais: Raguet indicou, oficialmente, como membro que era, o excelso economista político da época, José da Silva Lisboa ou Visconde de Cairu, também maçom, para

aquela mesma sociedade norte-americana de fama mundial.

Uma rápida abordagem sobre os climas brasileiro e da maçonaria de então ajudará certamente a melhor entender a postura política de Condy Raguet.

O papel da Maçonaria na independência do Brasil já foi estudado tanto do ponto de vista católico como do protestante, sem falar naturalmente do leigo, isento de conotação religiosa. A primeira descrição sobre o estabelecimento da Maçonaria no Brasil foi, no tocante ao Rio de Janeiro, escrita por José Bonifácio de Andrada e Silva, Ministro do Império. No seu *Manifesto*, José Bonifácio declara que as Lojas Maçônicas brasileiras se estabeleceram em 1801 e 1802, respectivamente, no Rio de Janeiro e em Salvador, Bahia. Entretanto, existe evidência de fundação de Lojas com data anterior, e localizadas nas províncias de Pernambuco, Bahia e Minas Gerais. (Vieira, D.G., 1980: 41). As lojas do Rio de Janeiro e da Bahia eram afiliadas à "Oriente Francês", e exerciam o rito adroniramita. Este fato responde, a propósito, por algumas das muitas inconsistências observadas nos calendários de datas e na cronologia do Brasil, no que diz respeito à Maçonaria.

O envolvimento maçônico em fatos que levaram à independência do Brasil foi assunto analisado por vários historiadores, incluindo entre eles Sergio Corrêa da Costa. (Costa, S.C., 1979). O príncipe D. Pedro I, crente do poder da Maçonaria e dos sentimentos republicanos a tomarem fôlego e a se espalharem pelas províncias, se afiliou à Maçonaria para assim melhor controlá-la — assim dizem alguns historiadores.

As duas organizações maçônicas sediadas no Rio de Janeiro, já então sede da Corte, eram o "Grande Oriente", estabelecido aos 28 de maio de 1822 (Aslan, N., 1979: 128), ou junho, de acordo com outros autores, mas de qualquer maneira, antes da Independência naquele setembro, e o "Apostolado da Nobre Ordem dos Cavaleiros da Santa Cruz", uma organização política para-maçônica, ou quase-maçonaria, segundo Manuel Lima Soares (Soares, M.L., Entrevista, dezembro, 1986). O Apostolado se estabeleceu poucos dias depois. A primeira das lojas era dominada pelos Republicanos e a segunda pelo Partido Conservador. Assim, e de acordo com alguns historiadores, a Maçonaria brasileira possuía a posição privilegiada de poder controlar tanto o Partido Conservador como o Liberal. Num Império, os Republicanos eram também chamados de Liberais ou Radicais. Fato assaz interessante:

José Bonifácio e Gonçalves Lêdo pertenciam igualmente às associações maçônicas Grande Oriente e Apostolado!

Ainda de acordo com Corrêa da Costa, o Príncipe Dom Pedro inicialmente se afiliou ao Apostolado, e logo depois ao Grande Oriente. De fato, o Grande Oriente houvera insistido para que José Bonifácio se tornasse o Grão-Mestre de modo a que assim pudesse o Ministro forçar D. Pedro a se tornar membro. Em seguida, José Bonifácio persuadiu Dom Pedro a fechar o Grande Oriente sob a alegativa de ser aquela uma organização republicana — e exilou do Brasil os seus membros. Em represália, vingança mesmo, o Grande Oriente acusou o Apostolado de organizar um complô para eliminar D. Pedro. O imperador, num ato inesperado, fechou o Apostolado também.

No Grande Oriente José Bonifácio ocupava a posição de Grão-Mestre, mas o comando era igualmente centrado em Gonçalves Lêdo e outros membros seletos. Após a declaração da independência do Brasil, ao mesmo tempo que Condy Raguet chegava ao Rio de Janeiro como cônsul norte-americano indicado para aqui servir, D. Pedro, agora imperador, foi elevado à dignidade de Grão-Mestre do Grande Oriente. Aquela foi uma vitória contra radicais republicanos. Os liberais foram feitos prisioneiros, foram exilados do Brasil. Este fato constitui, sem dúvida, um exemplo a mais de 'evasão de talentos' no Brasil, com Gonçalves Lêdo na linha de frente.

Lêdo, nascido em 1781, era um intelectual pertencente às duas lojas maçônicas. Era um democrata de postura política argumentativa, assumindo atitudes de defesa em favor das eleições diretas, e defendendo o princípio da liberdade de expressão e da liberdade de Imprensa. Pagou duramente pelas suas idéias, consideradas altamente radicais para a época. Foi aprisionado e banido, embora tivesse sido, um dia, conselheiro de D. Pedro I.

Helas! Foi debaixo de tal clima revolucionário que Condy Raguet tencionou ser o cônsul o mais dedicado dos EE.UU. no Brasil, e, posteriormente, o Chargé d'Affaires da maior projeção, porquanto o primeiro do Brasil independente.

É difícil, novamente, avaliar o envolvimento de Condy Raguet na luta maçônica pela independência do Brasil. De qualquer maneira, tudo indica, entretanto, que ele adotara uma posição de conciliaçãc em se correspondendo com os dois representantes mais ativos da maçonaria no Brasil de então — mesmo se essa atitude conciliadora se traduzisse

em atitude de respeito à inteligência e à erudição dos dois grandes estadistas.

José Bonifácio, por exemplo, graduou-se na Universidade de Coimbra, Portugal, em 1787, estudou na Itália e Alemanha, viajou extensivamente pela Europa, conheceu intelectuais e visitou instituições científicas e culturais de vários países. Tornou-se um entusiasta do Iluminismo — movimento filosófico do século XVIII, e um admirador de Jean-Jacques Rousseau. Em 1819, José Bonifácio regressou ao Brasil para se tornar um funcionário público da mais alta categoria, um conselheiro, e, subseqüentemente, deputado, senador e ministro. Nesta última qualidade, Condy Raguet o conheceu enquanto no Brasil.

E. Bradford Burns, comentando o papel que José Bonifácio desempenhou na corte brasileira, assim se expressou:

> "Quando D. Pedro indicou e nomeou José Bonifácio de Andrada e Silva para o posto-chave de ministro do Reino, em janeiro de 1822, na verdade o primeiro brasileiro a ser alçado a tão alta posição, a causa da independência recebeu o seu alvará. Diferentemente do Príncipe e dos funcionários de origem portuguesa que circundavam D. Pedro, Bonifácio possuía uma visão clara do que estava para acontecer. Bonifácio guiou os passos do príncipe e do Brasil no caminho para a Independência." (Burns, E.B., 1975: 211)

A carta que Condy Raguet escreveu a José Bonifácio cientificando-o de diploma outorgado pela Sociedade Filosófica Americana é um testemunho de respeito e aqui se segue em tradução nossa:

> "O SR. Raguet, Cônsul dos EE.UU. da América, apresenta os seus respeitosos cumprimentos a Sua Excelência José Bonifácio de Andrada e Silva, e tem a honra de enviar o referido diploma, a ele solicitado pela Sociedade Filosófica Americana para proceder a entrega, sendo esse o modo mais respeitoso de comunicar a V. Excia. que aquela Sociedade (que congrega entre os seus membros os homens mais ilustres da época) e como uma prova da alta estima a esta excelsa celebridade das lides da ci-

ência e filosofia, o elegera assim, a ele, um *Fellow* da Instituição.

> O Sr. Raguet muito em breve aprazará uma data e ocasião para congratular a Sociedade Filosófica Americana pela aquisição que a Sociedade fez em elegendo um cavalheiro cujo nome somente acrescenta respeitabilidade à sua lista de sócios, isso devido à sua eminente posição política." (Raguet, C. para José Bonifácio de Andrada e Silva. Rio de Janeiro, 4 de março de 1823. mss., 2 pp. Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, Secção de Manuscritos).

O tom da carta é sobremodo elogioso, e em assim sendo, se constitui uma das raras instâncias em que Condy Raguet chegou a mostrar alto apreço, respeito e consideração para com qualquer personalidade do mundo da Política e das Ciências e Letras do Brasil.

Se um estudo mais detalhado pudesse ser levado a efeito, e baseado na vasta documentação primária de José Bonifácio, talvez se pudesse chegar a uma afirmação mais peremptória de que uma das razões por que Condy Raguet admirava José Bonifácio devia ser por força da filiação maçônica de ambos.

Uma conclusão diferenciada também pode ser levada em conta: Condy Raguet era grato ao Patriarca por permitir a ele e outros estrangeiros "facilitar as viagens, através do país, de cientistas visitantes e/ou turistas ilustres... para explorar as interessantes e exuberantes regiões do Brasil." (Raguet, C. a José Bonifácio de Andrada e Silva. Rio de Janeiro, 4 de março de 1823. mss. 2 pp. Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, Secção de Manuscritos).

Além da sua admiração aos dois líderes políticos da Independência do Brasil, Condy Raguet não deixou por menos o seu alto apreço por uma figura brasileira, o conhecido economista político da época. Embora mais velho que José Bonifácio e Gonçalves Lêdo, o Visconde de Cairu — ou José da Silva Lisboa — era também um alvo da admiração de Condy Raguet, sendo ele próprio um economista de valor. Assim, Raguet tomou as mesmas medidas necessárias para fazer de José da Silva Lisboa o velho ministro do Império, um membro da Sociedade Filosófica Americana. Quanta coincidência! José da Silva Lisboa era também um maçom! Ele até escrevera

O Aprendiz Maçom, mas, obviamente, é bem mais conhecido pelos seus vários tratados sobre Economia Política.

A resposta do Visconde de Cairu à Sociedade Filosófica Americana quando sabedor da honra de ter sido indicado como membro daquela sociedade é hoje uma rara peça literária, de estilo aprimorado. Os setenta anos deste renomado economista político do Império foram postos face a face aos quarenta anos de Condy Raguet, também economista político. E é de se crer que Condy Raguet, como economista político, e quiçá, como maçom, deve ter se assenhorado da imensa trajetória acadêmica daquele excepcional Homem de Estado do Brasil.

A carta começa por acusar o diploma da Sociedade Filosófica Americana datada de 21 de junho de 1825, e recebida diretamente das mãos de Condy Raguet. José da Silva Lisboa assim expressou a honra de ter sido eleito:

> "Aprecio... a Honra que esta ilustre Sociedade designou conferir-me formando juízo favorável de meus trabalhos literários. Confesso que, não obstante haver já entrado em setenta annos de idade, aquella Honra, tão espontanea e inesperada, me faz sentir agora com menor pezo a mão do tempo, excitando a luz da quasi expirante lampada da vida mortal, com o oleo de alegria, e consolação por ver os meus desvelos na carreira da Literatura receber com tal distinção o premio à que almejão os Candidatos da philanthropia." (Lisboa, J.S. a Condy Raguet. Rio de Janeiro, s/data, recebido ao 19 de maio de 1826. mss. cópia Filadélfia, American Philosophical Society, Manuscripts Division).

Além do mais, a este gesto filantrópico José da Silva Lisboa respondeu em admitindo a sua "limitada esfera de conhecimentos." Entretanto, ele se sentiu extremamente envaidecido com a distinção de que fora alvo. José da Silva Lisboa ofereceu àquela entidade, nessa mesma oportunidade, a sua publicação mais recente, a *Constituição Moral,* e fechou a carta se expressando nos seguintes termos:

> "Entendo também... ser conveniente participar que Sua Magestade, o Imperador do Brazil, cujos

> Liberaes sentimentos são notórios, Concedeo-me o Indulto de usar em meus escriptos do título de Honra com que a Sociedade houve por bem condecorar-me, e de exercer correspondencia literaria. (Lisboa, J.S., aos 'Senhores' (Sociedade Filosófica Americana'. Rio de Janeiro, s/ data, recebida aos 19 de maio de 1826, com a moção do livro *Constituição Moral*. mss., cópia. Filadélfia, American Philosophical Society, Divisão de Manuscritos)."

Num país em que o direito da liberdade de expressão e da Imprensa livre estava apenas engatinhando, Lisboa sentiu a necessidade de requerer ao Imperador o privilégio de fazer uso do título outorgado apondo o mesmo ao seu *vitae*, ao seu nome.

Embora na correspondência oficial de Condy Raguet aos seus superiores (Secretários de Estado Norte-Americano e Presidentes John Quincy Adams e Henry Clay) Condy Raguet não tenha exposto quaisquer grandes entusiasmos pela maçonaria no Brasil, ele com certeza acompanhou com uma redobrada atenção todos os passos dos vários movimentos revolucionários brasileiros da época. Ele sabia que por detrás das tentativas revolucionárias de regime republicano os maçons e os intelectuais se encontravam à testa dos mesmos, numa posição de vanguarda que a História celebra. (Kahler, M.E., 1968: 208, 271). No Brasil, maçons e intelectuais, principalmente, se pontificaram como os agentes de mudança mais poderosos. Sendo um republicano e um ardoroso defensor dos ideais de Jefferson, Washington e Monroe, Condy Raguet não poderia ter ficado à margem de movimentos políticos que deveriam de algum modo favorecer as relações comerciais entre Brasil e EE.UU. (Kahler, M.E., 1968: 231. 277).

Um parênteses, poder-se-ia num futuro próximo, contar uma história das Revoluções de 1824 e 1827 toda baseada nas cartas de Condy Raguet, dentro da sua própria ótica e maneira de ver o movimento revolucionário. Tudo anotava. Tudo escrevia. Quase como um espião da época.

Resumindo e concluindo, se é difícil aquilatar o envolvimento de Condy Raguet com os movimentos maçônicos no seu próprio país de origem, os EE.UU., então fica bem mais difícil descobrir raízes mais consistentes da atividade factual maçônica de Condy Raguet enquanto permaneceu no Brasil

como diplomata de estirpe, como o primeiro Chargé d'Affaires dos EE.UU. no Brasil independente.

Voltamos a afirmar: para se poder, com absoluta segurança, aplicar a Condy Raguet o dito "Uma vez maçom, sempre maçom", ainda vai requerer muita pesquisa por parte dos cientistas sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes Primárias

Manuscritos

LISBOA, José da Silva. *Carta aos "Senhores"* [*American Philosophical Society*]. Rio de Janeiro, sem data, recebida aos 19 de maio, 1826. [cópia Manuscrita?] Filadélfia, American Philosophical Society, Manuscript Division. 2 pp.

RAGUET, Condy. *Carta a José Bonifácio de Andrada e Silva.* Rio de Janeiro, 4 de março, 1823. mss. original. Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, Secção de Manuscritos, Coleção José Bonifácio, I — 4. 31, 53.

Datilografado

[ANÔNIMO]. *William Schlatter.* Bryn Athyn, Pa., Academy of the New Church Library Archives. William Schlatter Papers.

Impressos

[ANÔNIMO]. *William Schlatter.* [Uma breve nota biográfica]. doc. n.º 683. Bryn Athyn, Pa., Academy of the New Church Library Archives.

[RAGUET, Condy]. *A Masonic Oration on the Death of Brother William S. Bush...* delivered on the 26th of November [1812]... by the Junior Ward of said Lodge [n.º 51]. Philadelphia: Bradford and Inskeep, 1812.

WHEELER, Daniel. *A Brief Account of William Bush...* including his correspondence with (the author). Philadelphia:
Henry Longstreet, 1844.

Dissertações, Teses

KAHLER, Mary Ellis. *Relations between Brazil and the United States, 1815-1825; with special reference to the Revolutions of 1817 and 1824.* Washington, The American University, Ph.D. in Modern History, 1968.

ZYCHOWSKI, Stanley S. *The Antimasonic Party in Pennsylvania.* M. A. Thesis, Pennsylvania State University, 1937.

Fontes Secundárias

Dicionários e Enciclopédias

COIL, Henry Wilson. *Coil's Masonic Encyclopedia.* New York: Macoy Publishing & Masonic Supply Co., 1961.

BENTON, William (publisher). *Encyclopaedia Britannica.* vol. 9. Chicago: Encyclopaedia Britannica, Inc., 1965. pp. 840-845.

FIGUEIREDO, Joaquim Gervásio de. *Dicionário de Maçonaria.* Seus mistérios, seus ritos, sua filosofia, sua história. São Paulo: Editora Pensamento, s/ data. (4.ª edição revista e ampliada).

HYNEMAN, Leon. *World's Masonic Register.* Philadelphia: Lippincott, 1860.

HAWKINS, E. L. Freemasonry. HASTINGS, James (ed.). *Encyclopaedia of Religion and Ethics.* vol. 5. New York: Charles Scribner's Sons, 1951. pp. 118-20.

JACKSON, Joseph. Freemasonry in Philadelphia. *Encyclopedia of Philadelphia.* vol. 3. Hanrisburg: The National Historical Association, 1932. pp. 697-699.

JACKSON, Samuel Macauley (ed.). *The New Schaff-Herzog Encyclopedia of Religious Knowledge.* 13 vols. Grand Rapids: Baker Books House, 1959.

JACKSON, B. E. *The Freemason's Guide and Compendium.* ed. rev. 1956.

MACKEY, . *Encyclopedia of Freemasonry.* ed. rev. e amp. 3 vols. 1946.

POUND, Roscoe. (eds.). Freemasonry. MATHEWS, Shailer and SMITH, Gerard Birney. (eds). *A Dictionary of Religion and Ethics. New York:* The Macmillan Company, 1921. p. 174.

Fontes Secundárias

Livros, Artigos e Revistas especializadas

ALBUQUERQUE, Marco Aurelio de. *A Maçonaria e a independência do Brasil.* Rio de Janeiro: Editora Espiritualista, 1959.

ASLAN. Nicola. *História Geral da Maçonaria. Fastos da Maçonaria Brasileira.* Rio de Janeiro: Gráfica Editora Aurora Limitada, [1979].

———. *História Geral da Maçonaria. Período Operativo.* Rio de Janeiro: Gráfica Editora Aurora Ltda., [1979].

BARROSO, Gustavo. *História secreta do Brasil. Primeira Parte: Do desenvolvimento à abdicação de D. Pedro I.* 2.ª ed., Biblioteca Pedagógica Brasileira, Série 5ª: Brasiliana, Vol. 76. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937.

———. *Segredos e revelações da história do Brasil.* Rio de Janeiro: Edições *O Cruzeiro, 1958.*

BURNS, E. Bradford.

1975.

CARMICELLI, Américo. *La masonería en la independencia de América.* (1810-1830). Bogotá: s. ed., 1970.

CLAVEL, F. T. B. *Histoire Pittoresque de la franc-maçonnerie et des sociétés secretes anciennes et modernes.* 3e. édition. Paris: Pagnene, Editeur, 1844.

COSTA, Sérgio Corrêa da. *As Quatro Coroas de D. Pedro I.* São Paulo: Civilização Brasileira S.A., 1941. 3.ª ed. Rio de Janeiro: Gráfica Record Editora, 1968.

FERREIRA, Manoel Rodrigues e FERREIRA, Tito Lívio. *A Maçonaria na independência brasileira.* 2 vols. São Paulo: Gráfica Biblos, 1962.

GUERRITY, Frank. "The Masons, the Antimasons, and the Pennsylvania Ligislature, 1834-1836," *Pennsylvania Magazine of History and Biography,* Vol. 99 (April 1975), pp. 180-206.

GOULD, R. F. *History of Freemasonry throughout the world.* rev. ed., 6 vols. (1963).

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil.* (4.ª ed.). [Brasília]: Editora Universidade de Brasília, 1963.

LIMA, Alceu Amoroso. Conferência sobre o Visconde de Cairu. *Jornal do Commércio.* Rio de Janeiro, 1.º novembro, 1944.

LIPSON, Dorothy Ann. *Freemasonry in Federalist Connecticut,* 1789-1835. Princeton: Princeton University Press, 1977.

LISBOA, José da Silva. *Estudos do Bem Comum, I.* Rio de Janeiro, 1819.

———. *Princípios de Economia Política para servir de Introdução à Tentativa Econômica do Autor dos Princípios de Direito Mercantil.* Lisboa, 1804.

LISBOA, José da Silva. *Observações sobre a Prosperidade do Estado pelos Liberais Princípios da Nova Legislação do Brasil.* Bahia, 1811.

———. *O Aprendiz Maçom.*

McCARTHY, Charles. "The Anti-masonic Party," in *Annual Report for the American Historical Association.* Vol. 1. [1902].

MELO, Mário. *A Maçonaria e a revolução republicana de 1817.* Recife, s. ed., 1912. Tb. *Revista do Instituto Archeológico e Geográphico Pernambucano.* Vol. 15, [1910]. 1-60.

ODIORNE, James C. (ed.). *Opinions on Speculative Masonry, relative to its Origin, Nature, and Tendency.* Boston: Perkins & Marvin, 1830.

ROSSI, Pe. Angelo. "A Maçonaria e o cisma do presbiterianismo no Brasil." *Revista Eclesiástica Brasileira.* VIII, março, 1948.

SACHSE, Julius F. *Old Masonic Lodges of Pennsylvania.* "Moderns an "Ancients", 1730-1800, which have surrended their warrants or affiliated with other grand lodges. Philadelphia, 1912 .

SHAW, Paul Vanorden. "José Bonifácio and Brazilian History," Hispanic Historical Review, XIII (1933), 427-37.

SOUSA, Octávio Tarquinio de. *José Bonifácio.* História dos Fundadores do Império do Brasil, Vol. I. 2.ª edição, rev. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.

THORTON, Sister Mary Crescentia. *The Church and Freemasonry in Brasil, 1872-1875.* A Study in Regalism. Washington, D.C.: The Catholic University of American Press, 1948.

VIEIRA, David Gueiros. *O Protestantismo, a maçonaria e a questão religiosa no Brasil.* Brasília: Editora Universidade de Brasília, c. 1980.

WALLACE, Anthony F. C. *Rockdale.* The Growth of an American village in the early Industria Revolution. New York: Alfredo A. Knopf, 1978.